

operadas e tenham tido seus cérebros trocados. Depois da operação, quem é Esperto e quem é Bronco? Se você pensar que a resposta óbvia é que o sr. Bronco é o objeto que consiste no cérebro de Bronco posto no corpo de Esperto e que o sr. Esperto é o objeto que consiste no cérebro de Esperto no corpo de Bronco (baseando-se no fato de que a pessoa é quem quer que tenha o seu cérebro), então considere uma situação relacionada, mas diferente. Suponha que Esperto e Bronco sejam operários; seus cérebros são trocados. Contudo, no curso da troca, trocaram-se também todos os estados cerebrais de cada cérebro, isto é, todos os estados originais do cérebro de Esperto estão agora codificados no cérebro de Bronco e todos os estados originais do cérebro de Bronco estão agora codificados no cérebro de Esperto. Nessa situação, o corpo de Esperto tem o cérebro de Bronco, mas os estados cerebrais de Esperto; e o corpo de Bronco tem o cérebro de Esperto, mas os estados cerebrais de Bronco. Qual é, agora, o objeto Esperto e o objeto Bronco? É bem provável que haja uma discussão sobre a resposta certa. Outra maneira de lidar com a questão é, no entanto, alegar que não há uma resposta certa, porque o conceito de pessoa não é tão definido a ponto de permitir responder a essa pergunta. A situação é tão estranha que uma solução para ela nunca esteve prevista no conceito comum de pessoa, mas nada nos impede de acrescentar a esse conceito original alguma coisa que venha a determinar a resposta. Tenha consciência de que, ao fazer um acréscimo a esse conceito, nós o estaremos modificando e, mais precisamente, admitindo que o conceito original continha algum grau de vaguidade.

O importante de tudo isso é que certa vaguidade é inerente a alguns conceitos, não sendo um defeito o fato de sua redação refletir essa vaguidade. Como disse Aristóteles, "A marca da pessoa educada é não exigir mais precisão do que o seu objeto o permite" (veja Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, para mais elementos sobre precisão e exatidão).

Além da vaguidade evitável, que se pode censurar em filosofia, e da vaguidade inevitável, que se deve recomendar, há uma terceira categoria, a da vaguidade evitável que se deve recomendar. Trata-se de um tipo de vaguidade que está a serviço do estilo. Muitas vezes, especialmente quando um tópico é difícil ou quando aquilo que se vai dizer sobre ele é bastante original, uma formulação precisa da concepção do autor, embora inteligível em si mesma, pode ser relativamente ininteligível para o leitor não preparado. Nesses casos, costuma ser retoricamente aconselhável começar com uma declaração vaga da posição que se tem e usá-la como oportunidade para convidar a uma formulação mais precisa dela. Por exemplo, John Searle tinha coisas surpreendentemente originais para dizer sobre a intencionalidade em seu livro *Intentionality*, a maioria das quais, quando formulada de maneira precisa, era expressa inevitavelmente em termos técnicos. Esses termos teriam sido ininteligíveis aos leitores no começo do livro. Assim, num primeiro momento de explicação de suas concepções, Searle escreve:

Todos esses... vínculos entre estados Intencionais e atos de fala sugerem naturalmente uma certa representação da